

**INDÍGENAS – FILHOS PRIMOGÊNITOS DA MÃE TERRA: SINTONIA PROFUNDA COM A NATUREZA*****INDIGENOUS FIRST BORN CHILDREN OF MOTHER EARTH: DEEPLY IN TUNE WITH NATURE******INDÍGENAS, HIJOS PRIMOGÉNITOS DE LA MADRE TIERRA: SINTONÍA PROFUNDA CON LA NATURALEZA*****Rodolfo Petrelli¹****Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil****ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-1492-470X>****E-mail: marascopepetrelli@gmail.com****Resumo**

As culturas indígenas são comprometidas com a construção da sua própria história e devem administrar, conscientemente, ou não, duas formas operativas nesse intento: conservação e inovação frente aos eventos e fatos que ocorrem nas suas comunidades. Neste estudo, objetivou-se conhecer e avaliar, positivamente, os valores dos povos indígenas nos processos de conservação e inovação na relação dialética de tese e antítese, às vezes radicalmente opostas, ou de síntese no diálogo, reciprocamente integrando valores significantes da existência na sua maturidade e constante evolução. O presente trabalho é de natureza qualitativa, com fundamentos na Fenomenologia da região Centro-Oeste brasileira, tendo sido realizado com as tribos Xavante, Krahô, Karajá e Uru-Eu- Wau-Wau, por meio da aplicação e interpretação do instrumento psicodiagnóstico, de Hermann Rorschach. Na apresentação dos dez arquétipos com as manchas de tinta, os indígenas, nos seus processos perceptivos, projetivos e interpretativos manifestaram suas experiências vividas em sintonia profunda com a natureza. Após as progressões dos conteúdos foi confirmada a seguinte categoria: a mente indígena pensa como a natureza pensa, para restaurar e recompor a necessária unidade das formas de vida no planeta Terra. Os resultados apontam que a cultura indígena não se reduz a um primitivismo acometido por deficiências mentais, contudo, há frequência expressiva de sofrimentos em virtude da devastação dos seus locais de vida em sintonia com a natureza. Assim, visou-se ressaltar o papel importante da sociedade civil branca dominante, restituindo aos povos indígenas a autonomia no seu próprio pensar e agir.

Palavras-chave: diálogo; metadiálogo; indigenismo; natureza; planeta Terra.

Sumário

1 Introdução. 1.1 Eventos da história nos encontros e desencontros casuais e intencionais das culturas indígenas e brancas. 2 Conservação e inovação no diálogo e metadiálogo nos processos de aculturação. 3 A temporalidade e suas variáveis estruturais e dinâmicas em

¹ Doutor em Psicologia pela Università Pontificia Salesiana Roma. Mestre em Psicologia pela Università Pontificia Salesiana Roma. Graduado em História, Filosofia, Teologia e Psicologia pela Università Pontificia Salesiana Roma. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3202704587410357>.

Psicologia. 4 Comportamento de conservação. 5 Cultura e História. 6 Estruturas e processos cognitivos na fase da conservação. 7 Considerações finais. Referências.

Abstract

Indigenous cultures are committed to building their own history, they must consciously manage, or not, two operative forms in this attempt: conservation and innovation according to the events and facts that occur in their communities. In this study, the aim was to know and evaluate the values of indigenous people positively in the processes of conservation and innovation in the dialectical relationship of thesis and antithesis, sometimes radically opposed, or synthesis in dialogue, reciprocally integrating significant values into existence in its maturity and ongoing evolution. This work is qualitative in nature and reasoned in the Phenomenology of the Brazilian Center-West region, with the following tribes: Xavante, Krahô, Karajá and Uru-Eu-Wau-Wau, through the application and interpretation of the Hermann Rorschach's psychodiagnosis instrument. In the presentation of the ten archetypes with stains of ink, the indigenous people, in their perceptive, projective and interpretative processes, manifested their experiences lived in deep harmony with nature. After the progressions of content, the following category was confirmed: the indigenous mind thinks as nature thinks, to restore and recompose the unity necessary of life forms on planet Earth. Results indicate that indigenous culture is not reduced to primitivism affected by mental deficiencies, however, with a significant frequency of suffering due to the devastation of their life environment in tune with nature. Thus, the target was to highlight the important role of dominant white civil society, restoring indigenous people to their autonomy in their own thinking and acting way.

Keywords: dialogue; metadialogue; indigenism; nature; planet Earth.

Contents

1 Introduction. 1.1 Events of history in the casual and intentional encounters and disagreements between indigenous and white cultures. 2 Conservation and innovation in dialog and metadialog in acculturation processes. 3 Temporality and its structural and dynamic variables in Psychology. 4 Conservation behavior. 5 Culture and history. 6 Cognitive structures and processes in the conservation phase. 7 Final considerations. References.

Resumen

Las culturas indígenas están empeñadas en construir su propia historia y deben manejar, conscientemente o no, dos formas operativas en este empeño: la conservación y la innovación frente a los acontecimientos y hechos que ocurren en sus comunidades. El objetivo de este estudio fue conocer y valorar positivamente los valores de los pueblos indígenas en los procesos de conservación e innovación en la relación dialéctica de tesis y antítesis, a veces radicalmente opuestas, o síntesis en diálogo, integrando recíprocamente valores significativos de la existencia en su madurez y constante evolución. Se trata de un estudio cualitativo basado en la fenomenología en la región Centro-Oeste de Brasil, realizado con las tribus Xavante, Krahô, Karajá y Uru-Eu-Wau- Wau, utilizando el instrumento psicodiagnóstico, de Hermann Rorschach. En la presentación de los diez arquetipos con las manchas de tinta, los indígenas, en sus procesos perceptivos, proyectivos e interpretativos, manifestaron sus experiencias vividas en profunda armonía con la naturaleza. Tras la progresión de contenidos, se confirmó

la siguiente categoría: la mente indígena piensa como piensa la naturaleza, para restaurar y recomponer la necesaria unidad de las formas de vida en el planeta Tierra. Los resultados muestran que la cultura indígena no se reduce a un primitivismo afectado por deficiencias mentales; sin embargo, existe una frecuencia significativa de sufrimiento debido a la devastación de sus lugares de vida en armonía con la naturaleza. El objetivo fue subrayar el importante papel de la sociedad civil blanca dominante en el restablecimiento de la autonomía de los pueblos indígenas en su propio pensamiento y acciones.

Palabras clave: diálogos; metadiálogo; indigenismo; naturaleza; planeta Tierra.

Índice

1 Introducción. 1.1 Acontecimientos de la historia en los encuentros y desencuentros casuales e intencionados entre las culturas indígena y blanca. 2 Conservación e innovación en el diálogo y el metadiálogo en los procesos de aculturación. 3 La temporalidad y sus variables estructurales y dinámicas en Psicología. 4 Comportamiento de conservación. 5 Cultura e Historia. 6 Estructuras y procesos cognitivos en la fase de conservación. 7 Consideraciones finales. Referencias.

1 Introdução

Na história da humanidade, no tempo e no espaço algumas culturas se expandem, deixando as regiões nativas e ocupando, nos seus instintos migratórios, outras regiões próximas e distantes; outras culturas permanecem estáveis nos seus territórios, opondo-se e resistindo às influências das caravanas em trânsito, rejeitando o diálogo; outras, nas passagens migratórias, absorvem coisas novas e se lançam em inovações; por fim, outras, ainda, nesses encontros, se perdem, apagando a própria história, por não terem alcançado instrumentos arqueológicos, arquitetônicos e gráficos de registro dos eventos e fatos.

1.1 Eventos da história nos encontros e desencontros casuais e intencionais das culturas indígenas e brancas

Estudos recentes em Arqueologia esclareceram essas diferenciadas formas de conservação, inovação, construção e desconstrução das culturas nas caminhadas da história no espaço e no mundo, justificando o progresso de umas e o regresso e a estagnação de outras. Em algumas culturas, até o seu morrer na história, a linearidade evolutiva absoluta foi descartada, como, por exemplo, restos do Neolítico, que foram descobertos no Paleolítico, e vice-versa também, inclusive, ambos recolhidos na sucessiva Era do Bronze; assim, conservação e inovação procedem de formas descontínuas (Lévi-Strauss, 1988). Para Lévi-

Strauss, culturas evoluídas podem involuir e regredir a estágios primitivos por acontecimentos catastróficos previstos e não previstos de qualquer natureza – climática, bélica, industrial ou outros fatores.

Vale, aqui, para nós, brancos ocidentais, a seguinte reflexão: é possível, se continuarmos a destruir o planeta Terra, nas suas potencialidades de vida, regredirmos ao estado selvagem primitivo, quando tribos humanas, em tempo de carestia, em épocas glaciais, devoravam cruas mulheres velhas, restos inúteis para a procriação da espécie e não mais objeto de libido, mas ainda alimentos para a sobrevivência da tribo?

Os acontecimentos previstos e não previstos se acumulam com os projetos por nós pensados e construídos, pois nem sempre é fácil libertar a nossa existência de crises radicais da autenticidade da nossa identidade, interrogativos simples... Às vezes, dúvidas tremendas são postas à nossa frente como dilemas que exigem respostas, como “quem eu sou?”; “Sobre qual história ou qual outra história poderia ter capturado a minha identidade?”; “A minha história pessoal se alienou totalmente à história dos outros?”; “Quem escreveu a minha história e não permite que eu mesmo a escreva?”; “Por que povos, populações, não podem mais escrever as suas histórias, agredidas e roubadas pela história de povos poderosos?”. Esses são dilemas que assomam à nossa consciência e questionam as escolhas e decisões de aceitação de acontecimentos, de obediência, de submissão ou de transgressões na desobediência (Petrelli, 2023a, 2023b).

Essas fusões, confusões, extorsões e fagocitações culturais, em prejuízo de culturas mais frágeis, estão ocorrendo em todas as regiões do Brasil, especialmente no estado do Pará e na Amazônia, em lugares próximos às grandes cidades e a centros industriais, como Manaus e Belém. Nesses ambientes, indígenas de várias tribos, ainda quase nus, com arco e flechas em uma das mãos, e na outra aparelhos eletrônicos, estão sacrificando, em troca desses bens tecnológicos da nossa cultura, inúmeros bens próprios de origem “Natural” ou “Moral”. Nesse contexto, o que nós assimilamos de valores para a nossa cultura? Como nós não percebemos que eles, os nossos indígenas, na historicidade cultural deles, não registrada por restos arqueológicos e por lixos industriais – e sim por tradições orais e um pouco na escrita e na língua típica original –, se constituem e se estruturam em uma “Mente Ecológica”? (Lévi-Strauss, 1976).

O planeta Terra, para a sua sobrevivência como promotor da vida, deve ser pensado e administrado por mentes ecológicas, temperando e controlando, reduzindo o poder dominante das mentes tecnológicas, motivadas por um rápido e ávido consumismo degenerativo de restos. Esse poder dominante está eliminando, apagando milenares culturas indígenas no nosso Brasil, e essa

catástrofe, em poucos anos de contato, se configura como um crime contra a humanidade. Os seus autores deveriam ser sentenciados como genocidas dolosos, punidos e constrangidos por uma Justiça Restaurativa que preza pela restituição da honra, da dignidade e dos direitos humanos, antes de tudo, e, depois, à devolução patrimonial das suas terras nativas.

É de se esperar que uma nova geração de homens brancos, informados e formados por uma Antropologia humanista-humanitária, devolva às nações indígenas brasileiras a liberdade e a capacidade de continuar a fazer história, com autoridade e autonomia no diálogo com a nossa cultura, também receptiva de instâncias e valores propostos, sem os *a priori* de uma superioridade absoluta (Lévi-Strauss, 1985).

A história dessas culturas seguirá, se permitirmos, na sua linearidade possível, entre conservação e inovação, e poderá, ainda, corrigir a nossa arrogância hetero e autodestrutiva ao longo da sua história, tanto presente quanto próxima e futura (Lévi-Strauss, 1985).

As culturas primitivas nos propiciaram bens materiais naturais interessantes e úteis, hoje quase necessários, como, por exemplo, o milho, a batata, o cacau, o tabaco e a conservação da natureza, contudo, nós não soubemos e não sabemos, até hoje, explorar atentamente bens de outra ordem, bens no espírito e no vértice, como categoria mais abrangente, assimilando uma mente em sintonia empática, simpática com a natureza, de acordo com o pensamento ecológico de Bateson (1986). *Motus in fine velocior*, sentenciava um dito da física clássica, significando que o movimento da queda nos momentos finais acelera sempre mais intensamente e, no impacto, com mais força, e não apenas força energética construtiva, mas destrutiva à nossa cultura de homens brancos, que aceleram sempre mais, em uma corrida frenética ao novo, ao inédito, abandonando o já feito, já editado e, por isso, não mais interessante. Essa aceleração provoca uma descontinuidade perigosa, desfazendo a necessária linearidade evolutiva entre o velho e o novo, ou seja, a transformação necessária para que uma história tenha consistência, valor e seja significativa e construtiva no diálogo com outras histórias. Esses impactos transculturais são evidenciados com um domínio unilateral ao dano dos indígenas Xavante, Karajá e Krahô (Lévi-Strauss, 1968).

A pergunta-problema dada à nossa consciência, e posta nesses termos – “O que resta de uma identidade originária autora da sua própria secular história?” – se mantém firme nos seus constitutivos essenciais ou está em processos irreversíveis de extinção? Esses são os dilemas! O nosso Brasil, sem essa presença originária, não será mais autêntico, traindo a sua própria história.

2 Conservação e inovação no diálogo e metadiálogo nos processos de aculturação

Sem acontecimentos, sem novos eventos programados ou casuais não se faz história, mas também sem memória de coisas passadas, sem manutenção de ideias e valores estruturantes à cultura, desde a origem, não se faz história. A história, como processo cultural evolutivo no tempo, se estrutura dinamicamente com duas variáveis: inovação – como variável externa – e conservação – como variável interna. Essas duas ordens de fatores devem ser gerenciadas pelos próprios indivíduos nas coletividades, comunidades pertencentes à cultura. A variável externa – eventos de outras culturas nos encontros e desencontros – pode ser imposta, pode ser aceita, como também ser objeto de interesse, mas sempre, em todas essas evidências, a própria cultura administra essas possibilidades de rejeição, de inclusão nos tempos e modos idôneos na salvaguarda da originalidade, nas suas componentes fundamentais essenciais conservadas nos ritos, nas falas, nas tradições, nos jogos individuais e de grupo.

Hoje, muitas tribos indígenas aprenderam a escritura reduzindo a fala a escritas, usando as letras consoantes e vogais do nosso alfabeto, e isso se deve a uma variável externa relativa ao contato com a nossa cultura branca, exemplo de aculturação positiva, beneficente e em vantagem para essas culturas frágeis, chamadas de historiografia da própria história (Lévi-Strauss, 1968).

Devemos isso a antropólogos humanistas e aos missionários católicos da Ordem Salesiana que, com a aquisição da escritura dessas populações, adquiriram mais controle sobre o equilíbrio da própria historicidade entre fatores variáveis de conservação e de inovação. A memória apenas falada não dá poder de fidelidade à conservação integral dos fatos; já a memória escrita é garantia de fidelidade dos conteúdos culturais originários no tempo passado (Geertz, 1988).

Não há cultura no presente que não se conecte com os elementos do passado e ao como se prepara para o enfrentamento do futuro. Os nossos indígenas têm uma história, mas não sabiam fazê-la, porque não eram donos da própria história; com a escrita, já adquirem um instrumento construtivo, de conservação fiel e estável e de transmissão dessa história no processo educativo das novas gerações, hoje vítimas de estados confusionais no sistema mental e comportamental. A aprendizagem da escrita, do nosso ponto de vista, talvez seja o evento eticamente mais consonante nas políticas de manutenção da história projetada, com riscos menores nos processos transformativos pelo impacto com a nossa cultura dominante. Diz o dito latino: *Verba volant, scripta manent*, que significa “as palavras se perdem, as escritas permanecem”.

A Justiça Restaurativa, entre outros deveres, pede para nós, profissionais da Filosofia, da História, da Comunicação e da Linguagem, dedicação competente, respeitosa e amorosa na produção histórica escrita relacionada aos idiomas de cada população indígena. Essas problemáticas, surgidas no impacto cultural entre conservação e inovação, levantam hipóteses verificadas nos estudos a seguir, a saber: quais foram os efeitos desses impactos no comportamento individual e coletivo – resistência, aceitação, mudança, confusão, quadros depressivos ou dissociativos de natureza esquizofrênica? As populações indígenas estudadas nesses processos investigativos – Xavante, Krahô, Karajá e Uru-Eu-Wau-Wau – respondem, de maneira uniforme, a esses estímulos, ou diferenciada, em sintonia com específicas estruturas culturais?

3 A temporalidade e suas variáveis estruturais e dinâmicas em Psicologia

A nossa sociedade ocidental sofre da síndrome do pânico frente ao evento morte; nós, homens brancos, não somos educados para viver a morte, fazendo dela e dos seus momentos algo de terrificante e um catastrófico anúncio do vazio e do nada. Comportamentos compensatórios de natureza maníaca delirante distraem, no inconsciente, essa consciência, alimentando, porém, uma neurose existencial. A Psicologia, como ciência da experiência e do comportamento da vida, é administrada catedraticamente em sala de aula e nos consultórios, como saber e poder da consciência significando a vida, mas não nos ensina como viver o morrer. É, porém, a morte que dá significado à vida, como momento de apoteose. Viver cada dia como se fosse o último a ser vivido motiva a pessoa a responsabilizar-se por seus empreendimentos individuais e sociais. Os povos indígenas, que nós definimos como primitivos, nos seus costumes e ritos, vivem a morte como momento festivo da vida, como parte integrante do tempo a ser vivido em todos os seus acontecimentos, mas também no “além” do tempo (Vidal, 1977).

O nosso existir se dá no tempo aquém e, também, no além do tempo, na convergência de um momento, de um evento: o morrer em um nascer, e o nascer em um morrer, como ocorre quando um fruto cai da sua árvore matriz da vida – como momento da sua morte, este é o anúncio, porém, trata-se, ainda, da semente, de uma nova vida (Maslow, 1969). Se Freud tivesse tido acesso a essas culturas “primitivas” teria, provavelmente, reformulado as suas teses sobre a importância da libido como fator e variável condicionante da existência e do comportamento, e, com certeza, evidenciaria, como dinamismo operante, a temporalidade no

seu *modus vivendi*, o tempo no contínuo: passado, presente e futuro. A vivência do tempo foi proposta como experiência significativa da vida por renomados pensadores, filósofos e psiquiatras, entre os quais Minkowski (1961) e Binswanger (1970). Passado, presente e futuro devem compor o Eu, em um contínuo harmonioso e expressivo de valores também em contínua evolução e transformação.

Algumas civilizações conseguem esse equilíbrio harmônico e outras não, como já anteriormente exposto, ou seja, ou se retêm no passado, ou se projetam, velozmente, no futuro, alienando-se de um presente reduzido ao passado no instante em que é vivido, como já exposto. A experiência temporal dos povos considerados primitivos, como os indígenas brasileiros, deveria estabelecer por nós, modernos e pós-modernos, uma tese antitética, com a nossa filosofia do tempo vivido sem as dimensões da Espera necessárias para o amadurecimento (Melatti, 1972).

A Antropologia e a Psicologia deveriam aprofundar-se, com mais rigor científico, nesse *modus vivendi* no tempo dessas populações e evidenciar que a dimensão do fator da ‘Espera’, quase removido da nossa cultura, é necessário e urgente para a preservação do planeta Terra. Esse fator traz consigo o conceito de limitação, a importância de pôr limites aos desejos não como impotência natural ou imposta, mas como prudência para que o excesso dos desejos, como fator de ação e ação ética dos desejos em contextos culturais acelerados, que não se transformam em ações construtivas e planejadas, mas provocam confusão e desordem na relação meios e fins, projetadas no futuro próximo, que deve ser como Esperança na realização e nos seus valores. Sem o fator limitação imposto aos desejos por um poder inibitório de estímulos em excesso, a ação, como dinamismo evolutivo e construtivo, e a própria Esperança, como visão e percepção otimista do futuro, sofrem perdas significativas em situações de escolha e de decisões a serem tomadas para a realização e os valores na ordem ontológica-ôntica, em sintonia com Minkowski (1961).

Nossa população indígena, na sua essência, vive uma “Temporalidade”, constituída na plenitude pelas dimensões apresentadas pelo psiquiatra Minkowski: Desejo, Espera, Ação, Esperança e Ação Ética, todas reguladoras das relações, antes de tudo, com a Natureza vivente percebida e “sentida” como pessoa, ente vivente e vitalizante. A nossa cultura sofre da síndrome da gratificação imediata; o presente é imediatista, não aceita o termo “depois”, tudo deve se realizar no “aqui-e-agora”, no “já”, inclusive nos processos mentais evolutivos do pensar, quando se liberta do objeto concreto para se elevar na pura dimensão conceitual abstrata. O imaginário das mentes indígenas, que nós consideramos primitivo, chega a essas

abstrações conceituais e universais de uma forma simples e simbolicamente comunicadas nos contos, nos ritos e nas logísticas das moradas comunitárias.

O vazio da Esperança, a ser entendida como evolução criadora, é tanto efeito de uma excessiva conservação, contaminada por mecanismos involutivos regressivos ao passado, quanto de uma acelerada antecipação do futuro, esvaziando o presente e a sua consolidação não nas experiências constitutivas de valores, mas na dimensão da Esperança; pessoas e culturas se extinguem no decorrer do tempo, um sintoma que acusa a perda da Esperança do élan vital: natureza sem vida, morta, espoliada de cores, de frutos ressecados, corpos sem vida, friamente anatomizados, reduzidos ao esqueleto e à radiografia, como sombras da noite (Minkowski, 1961).

A nossa cultura tecnocrata, nessas dimensões, está apagando a Esperança, e a Ciência, no seu rigor, está apagando a sabedoria. O *Homo Faber* dispensa o *Homo Sapiens*, os nossos primitivos indígenas brasileiros vivem ainda a Esperança e, na sua simplicidade e originalidade, podem nos ensinar a ser sábios (Oliveira, 2015).

Essa interessante temática, que exaltava e priorizava o lúdico, e não a libido, como princípio do prazer, foi substituída pela resposta a ser dada aos seguintes dilemas: “São os indígenas brasileiros primitivos?”; “No perfil de personalidade, em qual estrutura e dinâmica se fundamenta o primitivismo?”; “Quem vive nas selvas, anda nu e come cru, é por isso um primitivo?”; “Primitivo, na sua essência e nos seus constitutivos ontológicos antropológicos, não podem também transitar em metrópoles, selvas urbanas, instalando-se em academias e palácios, usando ternos e gravatas dos colarinhos brancos?” (Sutherland, 1939).

Ferocidade e crueldade, traços caracteriais e comportamentais de humanoides primitivos, que estocavam mulheres velhas em tempo de carestia e as comiam “cruas”, em formas mais sofisticadas caracterizam, ainda, culturas e sociedades modernas, por requintados instrumentos de execução em massa e genocídios que duram instantes. Genocídios ocorrem também quando em uma população se destrói, se extingue, a sua identidade coletiva originária, as suas memórias, a sua história, e isso ocorreu e está ocorrendo com os indígenas do Brasil.

Quando a um indivíduo ou a um povo lhe é sequestrado seu direito de tomar decisões sobre o seu presente e o seu futuro, apagando o passado, impondo modelos, valores, normas dissonantes da sua cultura matriz incorporada no cérebro, no coração e no sangue, sentenciam-se, decreta-se o seu morrer em vida. Culturas nos encontros, nas estradas e caminhadas da história e do mundo; deve-se respeitar as suas diferenças, sem que haja competições, a maior

destruindo e eliminando a menor, mas sim dialogando, com respeito às diferenças, assimilando o interessante da tese-antítese e síntese e abrindo o diálogo para um metadiálogo, combinando a criatividade de coisas antigas com coisas novas, tradição e inovação, no contínuo passado, presente e futuro (Bruner, 1974).

Um adulto, retido na sua rigorosa lógica, pode aprender algo de uma criança ainda livre para se entregar ao seu imaginário. Isso porque a imaginação é o berço da realidade e o devaneio, a matéria-prima da Ciência (Bachelard, 1996).

Com os indígenas aprendi a pedagogia da não violência nos processos de aprendizagem e, na metodologia prática aplicada à reeducação de jovens infratores e à violência contra a mulher, inclusive por traições por ela praticadas, não se cogita a violência, em hipótese alguma, pelos povos indígenas.

4 Comportamento de conservação

A nossa sociedade branca, de cultura greco-latina, antes e depois da cultura europeia, sempre foi assediada no tempo e ocupada por outras culturas, oriundas de regiões da Ásia próximas e distantes. A própria cultura Romana, no seu início republicano, infiltrou-se na cultura dos povos etruscos de origem Pré-Helênica e, depois, na época Imperial, sintonizou-se com a cultura grega; gradativamente, estendeu-se, ocupando territórios ao norte e ao sul, a leste e a oeste da sua Península Mediterrânea, inserindo-se na África, confirmando e defendendo um Império por séculos, mas este transformou-se, em seguida, em território aberto por outras invasões.

Início e fim, defesa de uma integridade e abertura para novos modelos, dando início a novos sistemas culturais, fazem, no conjunto das ocorrências, a história de todas as culturas humanas, em contínua dinâmica de extinção, transformação e inovação. Atualmente, espaços transculturais e encontros com nações, populações e etnias diferentes são ações que estão ocorrendo em várias regiões do planeta Terra; situações estas que, na história, consideram a formação, *in statu nascenti*, de novas culturas (Amodio, 1979).

É necessário, porém, que esses espaços transculturais sejam hoje administrados com mais clarividência, combinando, no conjunto operativo, emoções ideológicas de políticas públicas nacionais e internacionais, orientadas por uma ética e moral humanista: a humanidade é um corpo, uma corporação constituída de partes e funções, nas suas diferenças, que, unidas, formam uma espécie vivente dotada de inteligência e consciência para o exercício responsável

da sobrevivência do planeta Terra, na sua complexidade, diversidade e funcionalidade vivente. Infelizmente, os processos de aculturação quase sempre são vantajosos para uma cultura dominante, gerando, em longo prazo, um empobrecimento da própria cultura, emocional, ideativa, estética e coreográfica, ocasionando uma imperante e tediosa uniformidade globalizante, que apaga a individualidade e a subjetividade de pessoas e grupos.

Está na hora de pensar e atuar em metodologias apropriadas aos processos de aculturação de grupos minoritários, aqui no Brasil compostos por populações indígenas sediadas em todo o território nacional e já incluídas em nossos sistemas e programas educacionais oficiais no que diz respeito à valoração, ao investimento dos seus próprios conteúdos e aos processos de aprendizagem (Villas Bôas, 2006).

Nesses processos de aculturação devem ser incluídas a linguagem falada e escrita e, nesta, serem expressos os conceitos culturais primitivos, o lógico conceitual abstrato e categórico do nosso pensar e comunicar (linguagem). A Antropologia e a Psicologia, no campo da Psicologia Linguística, assim como profissionais com domínio do nosso idioma (português), devem constituir equipes transdisciplinares para o planejamento e a atuação nos programas de aculturação, incluindo-as, inclusive, como complementação profissional das novas ciências e tecnologias da comunicação.

Quando a aculturação se realiza de forma incoerente, inferiorizando a parte mais frágil – os povos indígenas – e impondo uma força pelo componente dominante, produz efeitos confusionais dissociativos, desorganizados do comportamento individual e de grupo, instaurando quadros contemplados nos nossos manuais de Psicopatologia, entre os quais a esquizofrenia, nos seus múltiplos sintomas, e o transtorno bipolar, no seu reduto depressivo, que induz com frequência ao suicídio. Quando, contudo, distintos sistemas culturais se combinam harmonicamente nos processos de conservação e inovação, reciprocamente tolerantes das diferenças apropriadas em determinados contextos de experiência de vida individual e de grupo, contribuem para uma valorização recíproca com proporções criativas e originais. Ao final, a cultura, como sistema valorativo de ideias e ideologias, a ciência e a tecnologia são instrumentos para a evolução da espécie humana no tempo que lhe foi dado para evoluir na compreensão e solução de problemas existenciais e contingenciais a cargo da espécie humana (Ausubel, 1965).

A Psicologia, como ciência da experiência e do comportamento, tem competência na compreensão e condução desses diferentes sistemas culturais e seus instrumentos mentais operativos, apontando vantagens, mas também riscos desses processos de interação na linha

vertical, nos quais há uma origem de valoração hierárquica; nas linhas transversal e horizontal, correm as diferenças nos seus significados históricos na linha do tempo (Husserl, 1959).

É lamentável não se terem recolhido os restos tangíveis de culturas extintas ou em processo de extinção como, por exemplo, utensílios domésticos, instrumentos e produtos artesanais decorativos e estéticos, usados nos rituais religiosos, festivos e bélicos. Lamentável, ademais, não se terem recolhido documentos arquivados de processos ideativos, efeitos de estruturas mentais típicas e diferenciadas, com início nos processos perceptivos da realidade do mundo concreto, objetivo, simples e complexo, como se manifestam nos entornos viventes da própria natureza, nas suas diversas composições ecológicas, constituídas, aqui no Brasil, por matas densamente fechadas, pelos espaços abertos do cerrado ou pela proximidade de grandes rios (Pira; Vincenzo, 1980).

Estruturas mentais, nos seus “constituir”, são reflexos de estruturas ecológicas como campos operativos *modus essendi* da natureza, que condiciona o *modus operandi* da mente. Nesse sentido, Piaget (1961) ofereceu à Etnografia um válido instrumento de estudo, para colher estruturas em latência da mente operante *in statu nascenti*, que explica, por exemplo, como o comportamento de criança já aplica o conceito de identidade próprio em relação à identidade do outro; o conceito explicativo de relações parentais de afinidade ou não; o conceito de quantidade nas proporções de igualdade, de maioria, de minoria; e o conceito de qualidade na superioridade e na inferioridade. Na fase evolutiva, algumas operações se perdem, não têm mais valor e função, e nem tudo que se adquire como novo tem utilidade e qualidade operacional, conceitual, entendidos, categoricamente, como objetos, eventos e fatos da realidade.

Há, hoje, uma grande sintonia de intentos e de procedimentos entre a Etnografia e a Psicologia Evolutiva de Piaget, pois ambas recorrem à Arqueologia como ciência de estruturas antigas não apenas em obras edificadas e desconstruídas no tempo, mas também como modelos culturais expressos em escritas e lapidarias e em papéis vegetais. Com essas operações atuando em conjunto foi possível reconstruir, no campo da Etnografia, com notável aproximação, o antigo mundo de civilizações perdidos no tempo e no campo da Psicologia Evolutiva por mérito de Piaget (1961). A estrutura mental primitiva infantil, esquecida e superada na fase adulta ou desclassificada, considerada no âmbito de demência, empobrece os processos secundários na fase adulta no imaginário criativo. O passado, o antigo, deve ser proposto como ponto de referência para a evolução do pensamento (Piaget, 1961).

Os processos primários permitem um retorno ao caos originário, efeito de um simbólico *big-bang* onde o tudo a vir no tempo já está dado, mas como um imaginário

devaneio que, no âmbito secundário, se transforma em epistemologia, como afirmava Bachelard no seu livro do devaneio, um rigoroso e obsessivo processo secundário, encapsulado na pura lógica silogística comparativa de dados empíricos limitados ao imediato sensível tangível de dados empíricos que paralisam a Ciência espoliada de criatividade.

Na mente infantil de uma criança, no seu pensar fabuloso subsistente, *in statu nascenti*, grandiosas e inovadoras ideias surgem, em forma de hipóteses consistentes a serem verificadas no estágio secundário. Em consequência, modelos culturais, de populações primitivas, pelas mesmas razões anteriormente ressaltadas, podem ser propostos como inovadores para o nosso rígido e engessado sistema cultural; como já declarado, o retorno ao passado pode fazer com que se questione o presente e, ainda, com que ele seja orientado a um futuro em linha evolutiva contínua e harmoniosa, dissonâncias radicais entre passado, presente e futuro, que podem provocar rupturas na integridade mental e comportamental não apenas em pessoas, mas em grupos culturais de grande e pequeno porte (Piaget, 1972).

Quando, porém, os processos assimilativos do novo se reduzem e se apagam, dando espaço a um conformismo acomodativo ao *status quo*, o passado como processo primário perde a força criadora, pré-anunciando processos involutivos regressivos até a sua extinção. Conservação e inovação devem, nos processos evolutivos individuais e culturais, combinar-se com o equilíbrio, contudo, algumas culturas tendem mais ao polo conservativo adaptativo e outras ao polo acumulativo inovativo, acelerando a transformação em vantagens das culturas que privilegiam a conservação; em relação aos eventos e às leis da natureza, protegem mais o meio ambiente e a vida nesses espaços matrizes.

As culturas, aceleradas nos processos transformativos, põem em risco a sobrevivência da vida no planeta Terra, tornando-se sempre mais necessária uma troca de meios e fins nesse confronto cultural. Sem embargo, os fins últimos para a sobrevivência da espécie humana no planeta Terra, a conservação acumulativa da vida, é um valor que os nossos indígenas estão propondo na convivência conosco (Bruner, 1976).

Quando o equilíbrio se rompe entre as duas tendências do processo evolutivo, as culturas entram em um estado de crise que apela para um amplo conjunto de intervenções em diálogo, são elas a ciência, a tecnologia, as políticas públicas nacionais e internacionais, incluindo os princípios éticos e morais que as norteiam. Aqui no Brasil, a Fundação Nacional do Índio (Funai) é um instrumento operativo desse amplo conjunto de forças compreensivas e resolutivas e, por sua própria conta, como órgão delegado, não tem absolutamente a total

competência para gerenciar esses contingentes, bem como programas e situações problemáticas nessas dialéticas transculturais.

Piaget (1972) propôs um modelo evolutivo das crianças no contínuo explicativo teórico e operativo aplicativo dos componentes biológicos funcionais e culturais e esse modelo interessa aos processos evolutivos de culturas e populações.

Os dinamismos maturativos predis põem e habilitam para a assimilação de várias ordens de objetos, alimentos, elementos e estados da natureza, e para as suas leis físicas, sociais e morais. Nos processos maturativos, o organismo vivente animal e humano aumenta e melhora o controle sobre o meio ambiente e os espaços sociais da convivência; se caso a assimilação se apague, reduz-se ao conformismo acomodativo no *status quo*, regressivo, e a um passado sem mais vitalidade criadora (Sullivan, 1962).

5 Cultura e história

A espécie humana conta com poucas etnias ou raças – apesar de esse termo ser questionado por vários antropólogos –, mas com muitas culturas, milhares, a contar desde a pré-história até a história atual. Uma mesma etnia se manifesta com e por diferentes culturas, em regiões geográficas próximas e distantes (Lévi-Strauss, 1968).

Nesse contexto, culturas com afinidades de pensamentos e de manejos técnicos e científicos pertencem a etnias diferentes, fato a provar e comprovar a fundamental semelhança da espécie humana que habita o planeta Terra de norte a sul, de leste a oeste; do Paleolítico ao Neolítico, até os nossos dias, antecipando já, nas eras passadas, e realizando, nas eras modernas e pós-modernas, a cultura da globalização, que integra e não elimina diferenças. Muitas culturas desapareceram sem deixar vestígios, possibilitando esplêndidas memórias arquitetônicas, esculturais, artísticas, de pensamentos escritos, em variadas formas gráficas e pedras, em papéis vegetais, em tecidos etc.

Algumas culturas se fecharam, isolando-se nos seus territórios, negando-se e rejeitando encontros e trocas de ideias e de bens domésticos e instrumentais. Outras culturas se expandiram, ocupando territórios limítrofes distantes, eliminando ou absorvendo as próprias culturas, as culturas nativas, ou integrando-se em trocas recíprocas. Algumas culturas continuam idênticas no tempo medido, em épocas e séculos; outras respondem às mudanças na sucessão do tempo em rápidos acontecimentos, outras os absorvem e os integram no decorrer de decênios e séculos, umas mantendo, nos seus fundamentos, a identidade

originária, outras perdendo e mudando essa identidade, decaindo em estados confusionais culturais e psicológicos.

Outras culturas fizeram a sua própria história, enquanto outras se perderam na história, sem mais histórias, apenas reminiscências arquetípicas profundas, mas sem vestígios, sem matéria para a própria memória fazer história; são culturas que nós denominamos com termos e apelidos depreciativos de selvagem, primitivas; contudo, deixaram íntegros os espaços nativos e de vida no planeta Terra para o nosso uso e abuso destrutivo, na classificação, por nós decretada, de primeira ordem. Restos, porém, ainda desconsiderados dessas culturas de terceira ordem documentam a vivência de valores no campo social e moral e uma especificada funcional de “apropriada maturidade mental” (Lévi-Strauss, 1968).

A nossa cultura de homens brancos lotou o mundo dos humanos e o planeta Terra de valores, mas também de ideologias, de leis, normas e regras que sufocaram as frágeis e significativas diferenças de valores. Por sermos heredes (herdeiros) do imperialismo greco-romano, a Europa, os limites da Ásia e da África impuseram os seus modelos morais e jurídicos como se fossem os únicos a terem consistência e funcionalidade na ordem e na organização da sociedade. Aquelas culturas que, ao contrário, não aceitaram esses ditames foram cortadas da história, eliminadas ou submetidas à conversão, inclusive, de crenças religiosas. A presunção de superioridade absoluta deu à cultura ocidental europeia o direito de explorar e de se apropriar das terras nativas dessas populações consideradas primitivas.

O termo exploração de origem geográfica se degenerou criminalmente no significado da palavra expropriação e isso dá direito, nas instituições internacionais e nacionais do Direito, a processos de uma justiça restaurativa de restituição e indenização do quanto lhe foi usurpado não apenas nos bens morais e culturais que regulamentam a ordem interpessoal, social e comunitária (Amodio, 1979).

Nos meus encontros com os indígenas, dando mais ênfase à fala do Pajé Xavante, colhia, nas suas palavras e nos seus semblantes, a dor de uma identidade em crise por uma avalanche de prepotências culturais, políticas e físicas, abalando não apenas o presente, mas o futuro dele como indivíduo e do seu povo.

Os quinhentos anos do descobrimento da América não deveriam ser um evento de exaltação, pela expansão violenta de um poder unicultural, e sim um grande e sincero momento de restituição do quanto foi desapropriado de dignidade, de valor, de bens da natureza às populações indígenas da América.

Essas culturas – antes de terem dado à sua própria história como proposta crítica e alternativa à nossa história –, experiências que aconteceram como puras coincidências, na minha área como pesquisador na Ciência da Psicologia, foram variáveis e contingências para reformular. No entanto, a minha tese doutoral, a primeira proposta de tese, aceita por meu supervisor, Prof. Albino Ronco, da Pontifícia Universidade Católica (PUC) Salesiana, em Roma, tinha como temática o estudo de traços e perfis de personalidade de populações afro-brasileiras, também uma etnia considerada contaminada, pelos cientistas antropólogos, com fatores da pureza da raça ariana, imposta por Hitler e a sua gestapo nazista.

Sendo assim, as relações consistentes e solidárias nas relações eu-mundo, eu e os outros, promovem a participação, a colaboração, a responsabilidade e os traços psicológicos do caráter, que alimentam a ação ética proposta por Minkowski (1961). Ademais, a mente holística religiosa possui um poder construtivo, enquanto a mente lógico-analítica, quando regride ao seu estágio esquizoide, autístico, tem o poder dissociativo e catastrófico.

Em termos de Ecologia Planetária e suas políticas do meio ambiente, as culturas primitivas ingênuas e místicas não apenas deixam íntegra a natureza, mas não permitem restos na comunhão alimentar com ela; as nossas culturas produzem montanhas de restos, que nos sufocam e nos adoecem no corpo e na alma. A mente holística, onde e quando um se funde no todo, não perde, porém, a sua exclusiva unicidade e, na sua evolução maturativa, nas relações conscientes com o outro, posto por decreto inapelável ao seu encontro, o viver, na diferença com o idêntico se funde, não se confunde e evolui no contínuo místico do apenas um, no seu ego com o outro como alter ego, solidários e justos.

6 Estruturas e processos cognitivos na fase da conservação

Hegel, filósofo alemão, teve uma ideia genial, colhida no fundo da sua consciência, cultivada nas suas reflexões filosóficas: cada ser existente, nas suas ordens da natureza, na ordem do cosmo, e cada ser humano existente é revelação de um fragmento de um Pré Essente Absoluto, faísca de uma imensidão luminosa.

Correntes e escolhas da Psicologia que sustentam o princípio de individualização (única) de cada pessoa, assim fundamentado em Hegel por essa sua posição, cada ser humano é uma ideia do Absoluto Essente – consciência infinita criadora do todo existente, dever fundamental de cada ser humano no tempo contínuo do seu vir ao mundo, como e quando criança, adolescente, jovem, adulto e sênior –, é o de descobrir, tomar consciência da sua ideia

originária, da ideia de si mesmo, e sobre ela construir a sua identidade e o seu projeto de vida, com filosofia de vida, aplicada à construção de obras culturais e sociais.

Se somos produtos condicionados pelo sistema cultural ao nosso entorno operante, como sustentam alguns psicólogos, amparados por matrizes filosóficas materialistas, somos, também, geradores de culturas, tanto como indivíduos únicos e geniais quanto como membros de um grupo que compartilha, em sintonia com essa genialidade, a uniformidade comportamental nas massas populares, quando imposta como normalidade, nesse caso manifesta e revela uma perda de criatividade e anuncia, como já dito, um ressecamento da cultura; conseqüentemente, os “normais” vão decidir ou no tédio deprimente, ou na exaltação maníaca delirante.

Inovar e conservar são tensões da mente e do espírito de cada pessoa, cidadão, membro de um grupo e de uma cultura. O dinamismo inovador apela para um retorno reflexivo crítico aos processos primários da mente quando os processos perceptivos dos sentidos, visuais, auditivos, táteis (sensações), mobilizam, no conjunto pleno, emoções, afetando a imaginação e a intuição sensível e dando vida a um pensar disciplinado na lógica, mas rico de hipóteses e alternativas para um contínuo evolutivo e inovador.

Cada indivíduo, cada cultura no contínuo da sua história deve voltar, com consciência reflexiva e crítica, aos seus momentos e fases primárias, para que a identidade pessoal e cultural se mantenha íntegra nas mutações do tempo e para que, no presente, sobreviva a um passado originário e se cogite um futuro inovador, em perfeita e dinâmica harmonia. As culturas que nós definimos e classificamos como primitivas, nos seus hábitos, costumes e tradições, nos seus ditos e sentenças simbólicas, conservam uma “idealidade” interessante válida para elas e para nós, para e quando as nossas culturas entrarem em crise existencial (Piaget, 1986).

Um adulto, no nosso contexto cultural, quando se aproxima com interesse e respeito ao sentir e ao imaginar de uma criança, refletindo e analisando os conteúdos das suas linguagens, dos seus sonhos e comportamentos, pode rever, modificar, enriquecer o seu pensar e lançá-lo para novos espaços ideativos. A nossa cultura, contendo e revendo criticamente os *a priori*s de superioridade primitiva que podem, no encontro com essas populações, enriquecer, mudar, inovar, corrigir e modificar sistemas ideológico-teóricos e práticos, que estão traindo valores históricos originários contidos na nossa mente primitiva.

Toda criança, no seu imaginário onírico noturno e diurno, nos seus devaneios lúdicos, esconde segredos da própria individualidade única e originária, como fundamento no tempo

da sua própria e exclusiva identidade, a ser revelada no diálogo-dialético com o sistema cultural e no encontro e na convivência com os demais indivíduos e de outras culturas no passado recente e antigo e no presente. A linguagem falada e escrita, bem como o estudo das suas estruturas e formulações comunicativas em todos os seus modelos expressivos, de cada indivíduo e da coletividade, e dados por palavras, sentenças e aforismos, são instrumentos básicos para a compreensão não apenas dos processos e estruturas mentais de um indivíduo e de uma população, como também de conteúdos experienciais (Sullivan, 1962).

Estudos comparativos da linguagem entre culturas e populações, hoje, devem deixar de lado os paradigmas étnicos e cênicos propostos por Lévy-Brühl (1947) e se sintonizarem com antropólogos-etnólogos primitivistas como Geertz (1988) e Bateson (1986), os quais, como fenomenólogos, superaram os *a priori* verticalistas discriminatórios da superioridade da cultura branca-ocidental.

As condutas conservativas de experiências de vida primária-primitiva se tornaram o fundo operativo de onde podem se extrair e descobrir muitas, importantes e inovadoras estratégias não apenas mentais e conceituais, como também operativo-comportamentais e éticas como fundamento de uma nova moral de existência no planeta Terra. Outras culturas, entre as quais as dos nossos povos indígenas e afros, chegaram à formulação de ideias abstratas abrangentes no compreensivo maior das diversidades nas suas características individualizantes. Esse aparente atraso evolutivo cognitivo garante mais individualização nos processos compreensivos do comportamento.

O conceito de universalidade nem sempre respeita a singularidade de cada indivíduo na sua incomparável dimensão única; afirma uma sentença latina: *jus uni quique suum*, ou seja, a cada um o seu próprio direito! A lei não é igual para todos.

7 Considerações finais

Concluir, finalizar, pode ser satisfatório, por ter conseguido finalizar o trabalho, contudo, é também um momento repleto de ansiedade, porque o autor já se sente submetido a um juízo sentencial avaliativo, antes de tudo, do próprio autor, e, em seguida, por todos que tiveram acesso ao artigo, na sua significância inovadora valorativa ou, ao contrário, pela sua inconsistência aplicada às mudanças corretivas da realidade em estudo. Urge, aqui, revalidar as culturas indígenas nas suas teses conservativas da vida no planeta Terra e sua conservação em antíteses com as nossas práticas explorativas e extrativistas, nós, homens brancos. Eu, autor deste trabalho,

aceito com respeito as avaliações críticas sobre as coerências científicas, as quais têm me motivado para ulteriores reformulações metodológicas quanti-qualitativas-sistêmicas.

A minha expectativa está na Esperança de que os dados científicos deste trabalho, e suas considerações avaliativas aplicativas, sejam razões de reformas éticas nas relações de uma cultura branca no domínio total de uma cultura indígena, considerada e administrada como primitiva-selvagem e que, por isso, deve ser extinta. Lanço essas duas sentenças como mensagem final deste trabalho: “Os indígenas não são humanos primitivos, são primogênitos da mãe Terra”; “Os indígenas não são selvagens, cultuam as selvas, estas são templos da Divindade”.

A Ciência, seus métodos e seus instrumentos estão a serviço da “Verdade”, mas suas dimensões éticas devem estar a favor da vida em todas as suas dimensões e manifestações; assim, os “Indígenas são cientistas”, pois eles pensam e atuam em sintonia com a natureza, nascente de vida no planeta Terra.

Referências

AMODIO, Emanuele. **I figli del Rimorso, Cooperazione Internazionale e Culture indigene in America Latina**. Roma: Asal, 1979.

AUSUBEL, David P. **Ego Development and Personality Disorders**. Nova York: Grune & Stratton, 1965.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BINSWANGER, Ludwig. **Melanconia e mania, studi fenomenologici**. Torino: Boringhieri, 1970.

BRUNER, Jerome S. di. **Psicologia dela conoscenza**. v. II – Momenti evolutivi. Roma: A. Armando, 1976.

BRUNER, Jerome S. di. **Il processo di apprendimento nelle due culture**. Roma: A. Armando, 1974.

GEERTZ, Clifford. **Antropologia interpretativa**. Bologna: Il Mulino, 1988.

HUSSERL, Edmund. **Fenomenologia de la consciência del tiempo imanente**. Buenos Aires: Nova, 1959.

LÉVY-BRÜHL, Lucien. **La mentalité primitive**. Paris: Editora Presses Universitaires de France, 1947.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **A oleira ciumenta**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Nacional, 1976.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Razza e storia e altri studi di antropologia**. Torino: Einaudi, 1968.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristi tropici**. Milano: Mondadori-Saggi, 1988.
- MASLOW, Abraham. **Psicologia Esistenziale**. Roma: Astrolabio, 1969.
- MELATTI, Julio Cezar. **Messianismo Krahô**. São Paulo: Helder, 1972.
- OLIVEIRA, Creusa Salete de. **Os Karajá do Araguaia: a subjetividade de um povo desvelada pelos nomes e imagens do Psicodiagnóstico de Rorschach**. Alemanha: Verlag, 2015.
- PETRELLI, Rodolfo. **Rorschach em perspectiva fenomênico existencial: seguro cajado nas caminhadas em psicologia diagnóstica**. Curitiba: Appris, 2023a.
- PETRELLI, Rodolfo. **Sonhos: dimensões proféticas do existir humano**. Curitiba: Appris, 2023b.
- PETRELLI, Rodolfo. **Studio Comparato di Strutture Mentali di Indios Del Centro Ovest Brasiliano**: colte attraverso lo Psicodiagnóstico di Rorschach. 1989. Tesi (Dottorato) – Pontificia Università Salesiana di Roma, 1989.
- PIAGET, Jean. **A linguagem e o pensamento da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- PIAGET, Jean. **Psicologia da inteligência**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de cultura, 1961.
- PIAGET, Jean; INHELDER, Bärbel. **L'immagine mentale nel Bambino**. Firenze: La Nuova Italia, 1972.
- PIRA, Vincenzo; AMODIO, Emanuele. **Índios, sterminio o resistenza**. La questione indígena in Brasile. Bologna: E.M.I, 1980.
- SULLIVAN, Harry Stack. **Teoria Interpersonale della Psichiatria**. Milano: Feltrinelli, 1962.
- SUTHERLAND, Edwin H. **Il Crimine Dei Colletti Bianchi**. Itália: Dott. A. Giuffré, 1939.
- VIDAL, Lux Boelitz. **Morte e vida de uma sociedade indígena brasileira: os Kayapó-Xikrin do rio Cateté**. São Paulo: Hucitec, 1977.
- VILLAS BÔAS, Orlando. **História e causos**. São Paulo: FTD, 2006.